

## EMBIRRAÇÃO\*

(A J. M. Machado de Assis)<sup>1</sup>

A balda alexandrina é poço imenso e fundo,<sup>2</sup>  
Onde poetas mil, flagelo deste mundo,  
Patinham sem parar, chamando lá por mim.  
Não morrerão, se um verso, estiradinho assim,  
5 Da beira for do poço, extenso como ele é,  
Levar-lhes grosso anzol; então eu tenho fé  
Que volte um afogado, à luz da mocidade,  
A ver no mundo seco a seca realidade.

Por eles, e por mim, receio, caro amigo;  
10 Permite o desabafo aqui, a sós contigo,  
Que à<sup>3</sup> moda fazer guerra, eu sei quanto é fatal;  
Nem vence o positivo o frívolo ideal;  
Despótica em seu mando, é sempre fátua e vã,  
E até da vã loucura, a moda,<sup>4</sup> é prima-irmã:  
15 Mas quando venha o senso erguer-lhe os densos véus,  
Do verso alexandrino há de livrar-nos Deus.

---

\* Este poema ocorre em FUT (ano I, n. II, 1º out. 1862, p. 67-68), CRIS1864 (p. 71-74), em CHRYS2000 (p. 57-59), em PCRR (p. 304-307) e em OCA2015 (v. 3, p. 610-611). Texto-base: FUT. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Este poema é resposta do poeta Faustino Xavier de Novais ao poema “Aspiração”, que Machado de Assis lhe dirigiu e publicou em *O Futuro*, periódico dirigido por Novais. Machado de Assis o incluiu em *Crisálidas*, logo depois do seu (“Aspiração”). Faustino cuidou de usar os mesmos consoantes de Machado de Assis, isto é, as mesmas rimas – na verdade, usou as mesmas palavras ao final de cada um dos versos de Machado de Assis; quando a transcrição do verso machadiano era completa, ele marcou com itálico toda a extensão do verso. A publicação em *O Futuro* esteve a cargo do próprio Novais, razão pela qual escolhemos a versão do periódico como texto-base.

<sup>1</sup> (A J. M. Machado de Assis) [A MACHADO DE ASSIS] – em CRIS1864; (A Machado de Assis) – em CHRYS2000; (*A Machado de Assis*) – em PCRR e em OCA2015.

<sup>2</sup> Em CRIS1864, em CHRYS2000, em PCRR e em OCA2015, não há o pequeno deslocamento dos versos iniciais de cada estrofe para a direita.

<sup>3</sup> à] a – em OCA2015.

<sup>4</sup> E até da vã loucura, a moda,] E até da vã loucura a moda – em CRIS1864, em CHRYS2000, em PCRR e em OCA2015.

*Deus quando abre ao poeta as portas desta vida,  
Não lhe depara o gozo e a glória apetecida;  
E o triste, se morreu, deixando mal escritas  
20 Em verso alexandrino histórias infinitas,  
Vai ter lá noutra vida,<sup>5</sup> insípido desterro,  
Se Deus, por compaixão, não dá perdão ao erro;  
Fechado em quarto escuro, à noite não tem luz,  
E se é cá do meu gosto o guarda que o conduz,  
25 Debalde, imerso em pranto, implora o livramento;  
Não torna a ser, aqui, das Musas o tormento;  
Castigo alexandrino, eterna solidão,  
Terá lá no desterro, em prêmio da ilusão;  
Verá queimar, à noite, as rosas esfolhadas,  
30 Que a moda lhe ofertara, e trouxe tão cuidadas,  
E ao pé do fogo intenso, ardendo em cruas dores,  
Verá que versos tais são galhos, não dão flores;  
Que, lendo-os a pedido, a criatura santa,  
A paciência lhe foge, a fé se lhe quebranta,<sup>6</sup>  
35 Se vai dum verso ao fim; depois... treme... vacila...<sup>7</sup>*

*Dormindo, cai no chão; mais tarde, já tranquila,  
Sonha com verso-verso, e as ilusões floridas,  
Risonhas, vêm mostrar-lhe as largas avenidas  
Que o longo verso-prosa oculta, do porvir!  
40 Sonhando, ao menos, pode amar, gozar, sentir,  
Que um sono alexandrino a deixa ali,<sup>8</sup> em paz,  
Dormir... dormir... dormir... erguer-se, enfim, vivaz,  
Bradando: “Clorofórmio! O gênio que te pôs,  
A palma cede ao metro, esguio,<sup>9</sup> teu algoz!”*

45 *E aspiras, vate, assim, da glória ao ideal?  
Triste e funesto afã!... tentativa fatal!<sup>10</sup>  
Nesta sede de luz, nesta fome d’amor,  
O poeta corre à<sup>11</sup> estrela, à brisa, ao mar, à flor; →*

<sup>5</sup> vida,] vida – em CRIS1864, em CHRYS2000, em PCRR e em OCA2015.

<sup>6</sup> Em CHRYS2000 e em PCRR, depois deste verso há spacejamento de separação de estrofes (em CRIS1864, há mudança de página).

<sup>7</sup> Em CRIS1864 não há separação de estrofe depois deste verso. Esse espaço foi mantido nesta edição, porque o verso seguinte, em FUT (texto-base), vem, como os demais versos iniciais de cada estrofe, ligeiramente deslocado para a direita (o que pode gerar dúvida quanto à separação de estrofes é o fato de o verso seguinte vir no alto da página seguinte).

<sup>8</sup> ali,] ali – em CRIS1864, em CHRYS2000, em PCRR e em OCA2015.

<sup>9</sup> metro, esguio,] metro esguio, – em CRIS1864, em CHRYS2000, em PCRR e em OCA2015.

<sup>10</sup> fatal!] fatal – em PCRR.

<sup>11</sup> à] a – em CRIS1864.

50 *Quer ver-lhe a luz,<sup>12</sup> na luz da estrela peregrina,  
Quer-lhe o aroma sentir na rosa da campina,  
Na brisa o doce alento, a voz na voz do mar;  
Ó inútil esforço! Ó ímprobo lutar!  
Em vez da luz, do aroma, ou do alento, ou da voz,  
O verso alexandrino, o<sup>13</sup> impassível algoz!...*

55 Não cantas a tristeza, e menos a ventura;  
Que em vez do sabiá,<sup>14</sup> gemendo na espessura,  
Imitarás, no canto, o grilo atrás do lar;  
Mas desse estreito asilo, escuro e recatado,  
Alegre hás de fugir, que,<sup>15</sup> erguendo altivo brado,  
60 A lírica harmonia há de ir-te despertar!

Verás de novo aberta a copiosa fonte!  
Da poesia verás tão lúcido o horizonte,  
*Que a mente não calcula, e onde se perde o olhar,*  
Que nas asas do gênio, a voar pelo espaço,  
65 Da perna sacudindo o alexandrino laço,  
Hás de a mão bendizer que o soube desatar.

Do precipício foge, e segue a luz secreta,  
*Essa estrela polar dos sonhos do poeta;*  
Mas<sup>16</sup> noutro verso, amigo, onde ao mago ideal  
70 A música se ligue, o senso e a verdade;  
– Num destes vai-se, a ler, da vida a imensidade,  
Da sílaba primeira à sílaba final!

Meu Deus! Esta existência é transitória,<sup>17</sup> e passa;  
Se fraco fui aqui, pecando por desgraça;  
75 Se já não tenho jus ao vosso puro amor;  
Se nem da salvação nutrir posso a esperança,  
Quero em chamas arder, sofrer toda a provança:  
– Ler verso alexandrino... oh!<sup>18</sup> isso não, Senhor!

F. X. DE NOVAIS

<sup>12</sup> luz,] luz – em CRIS1864, em CHRYS2000, em PCRR e em OCA2015.

<sup>13</sup> o] o – em OCA2015.

<sup>14</sup> sabiá,] sabiá – em CRIS1864, em CHRYS2000, em PCRR e em OCA2015.

<sup>15</sup> que,] que – em CRIS1864, em CHRYS2000, em PCRR e em OCA2015.

<sup>16</sup> Mas] Mas, – em CRIS1864, em CHRYS2000, em PCRR e em OCA2015.

<sup>17</sup> transitória,] transitória – em CRIS1864, em CHRYS2000, em PCRR e em OCA2015.

<sup>18</sup> oh!] Oh! – em CRIS1864, em CHRYS2000, em PCRR e em OCA2015.

### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

CHRYS2000 – *Chrysalidas*, ed. Oséias Silas Ferraz, 2000.

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

FUT – *O Futuro*.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

### **Referências**

NOVAIS, Faustino Xavier de. Embirração. *O Futuro*, Rio de Janeiro, ano I, n. II, p. 67-68, 1º out. 1862.

NOVAIS, Faustino Xavier de. Embirração. In: ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864. p. 71-74.

NOVAIS, Faustino Xavier de. Embirração. In: ASSIS, Machado de. *Chrysalidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000. p. 57-59.

NOVAIS, Faustino Xavier de. Embirração. In: ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009. p. 304-307.

NOVAIS, Faustino Xavier de. Embirração. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. p. 610-611.